

# Brasil: crescimento só daqui a dois anos

LÉA CRISTINA

A economia brasileira só deve voltar a crescer em dois anos, avaliam técnicos ligados ao Governo. Segundo eles, este é o período necessário para o País se estabilizar e para o Estado recuperar sua capacidade de investir, criando assim condições à retomada do crescimento que foi deixado de lado por toda uma década. Outro fator básico: desde já, torna-se necessário que o Governo crie um plano de desenvolvimento, sinalizando aos agentes privados qual é a rota do crescimento.

A discussão vem à tona a partir das estimativas do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), que indicam que a taxa de desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) em 1990 registrará uma queda de 4,7%. Assim, o crescimento da economia na década de 80 (de 1981 a 1990) terá ficado em 1,98%, contra os 7,4% do período 70 (1971 a 1980) — a época do "milagre brasileiro".

Outros resultados: na década que termina agora, a taxa de renda per capita simplesmente ficou estagnada (contra um crescimento médio de 5,2% em 70). Ou seja, os 120 milhões de habitantes do ano de 1980 detêm os mesmos recursos dos 140 milhões ou 150 milhões habitantes de agora. Ainda no período 80, a taxa média de investimento chega a 17,8% do PIB, contra os 23,55% de 70.

Para o economista Armando Castellar, do Ipea, a recessão é necessária à estabilidade, mas o País precisa olhar para meados da década de 80 e não repetir os erros de então. Afinal, superada a recessão do início dos anos 80 — quando, em três anos, a taxa do PIB caiu oito pontos percentuais —, as mudanças estruturais necessárias ao desenvolvimento não foram feitas e, de repente, veio a desaceleração: em 1986 a economia cresceu 7,5%; em 1987, 3,6%; em 1988, a taxa ficava em zero.

— Em meados de 80, a economia voltou a crescer sem que a questão das contas públicas e da dívida ex-

terna estivessem resolvidas. Desta vez, os custos que a sociedade está pagando tem que resultar em rendimentos — diz, acrescentando que de nada adianta tentar crescer, sem que a economia esteja estabilizada e que o Estado tenha recuperado sua capacidade de poupar e investir.

O Chefe do Departamento de Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cláudio Considera, se diz surpreso com o fato de o Governo Collor estar executando um rigoroso ajuste fiscal em pleno ano eleitoral: para ele, este é um indicativo de que existe perspectiva e de que as medidas tomadas não são simples paliativos.

Considera sente falta é de um plano de desenvolvimento. Assim como os economistas do Ipea, Castellar e Eustáquio José Reis. Eles acentuam que o cronograma estabelecido para redução das alíquotas de importação — que devem chegar a uma média de 20%, em quatro anos — já é um bom indicativo:

— Mas é pouco. Mesmo em recessão, se a economia caminha para o ajuste, o empresário começa a pensar no que deve investir.

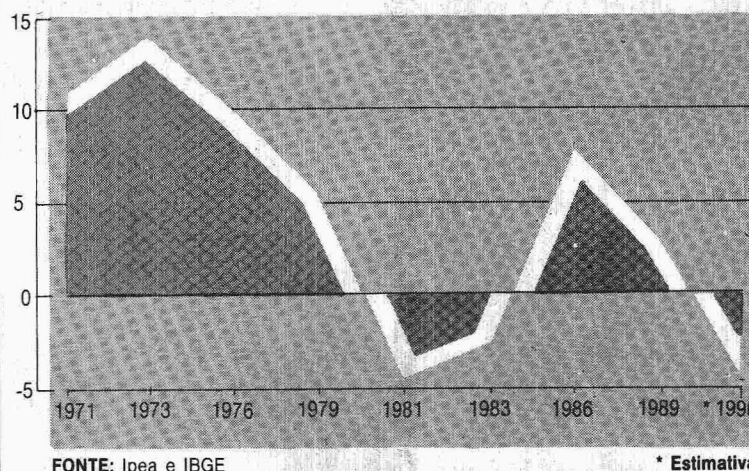
Acentuando que a recessão brasileira poderia ser mais leve no caso de o País conseguir uma ajuda externa muito grande — o que não é possível dado o problema da dívida e do contexto internacional —, José Reis acha que, de todo modo, existem chances de o País conseguir absorver capital externo:

— Os países do sudeste asiático são sugadores de capital. E a Alemanha Ocidental deve se voltar para a Oriental. Mas o resto do Leste Europeu também tem dificuldades o que nos dá condições de competir.

Os economistas frisam que o caminho do crescimento está basicamente ligado à retomada dos investimentos públicos — tanto em infra-estrutura, como em setores básicos como educação e saúde. Castellar lembra que a taxa de alfabetização da Coreia é de 98% — no Brasil, está em 75%, de acordo com dados de 1988 do IBGE.

## Variação do Produto Interno Bruto

Após registrar crescimento de até 14% na década de 70, a taxa do PIB brasileiro deverá fechar o ano com queda recorde de 4,7%, segundo estimativas do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea).



## Desempenho da economia brasileira

No período entre 1980 e 1988, as taxas médias de desempenho da agricultura, da indústria e do setor de serviços foram negativas. A agricultura registrou queda de 7,3%; a indústria, de 10,8%; e serviços, de 6%.

